

Tessitura de vínculos em campo

POR DAVID REEKS E RENATA MEIRELLES

Conhecer o que brilha em cada ser sempre criou um fascínio em nós. E quando se trata de criança então, pode-se dizer que é um vício sem volta. Foi de maneira absolutamente apaixonada pelas expressões infantis que nos juntamos e, em 2001, iniciamos nossos registros de brincadeiras pelo Brasil.

Partimos guiados pelo desejo de encontros: com o outro e com uma diversidade humana, que nos foi velada pelas nossas educações tão engessadas. O desejo era sentir na pele as tantas infâncias brasileiras e, posteriormente, difundir o vasto repertório de brincadeiras infantis encontradas. Para isso, o registro de imagens mostrou-se inevitável.



*Abrimos espaço
para os gestos
espontâneos da
infância*

Inicialmente a sensação era de estar saindo para ver o “lá fora”. Hoje, depois de longas jornadas, percebemos o quanto estamos cuidadosamente abrindo uma fresta da janela para olhar para dentro da infância e, conseqüentemente, do ser humano. A perspectiva entre o fora e o dentro foi se invertendo e o conceito de cultura e diversidade ganhando um novo panorama. Como diz Jung: “*Não saias, é no interior do homem que habita a verdade*”.

Era impossível prever a magnitude do brincar que esses encontros, conjugados com pesquisas e estudos, foram nos revelando. O que antes caberia em uma lista de atividades com seus vários sotaques e coloridos hoje amplia-se para discussões sobre arquétipos, memória coletiva, imaginário e sagrado. O repertório de brinquedos e brincadeiras deixou de ser o nosso único foco e abrimos espaço para os gestos espontâneos da infância que, percebemos, nos apresentam a nós mesmos.

As brincadeiras se estabeleceram como uma porta para a gênese de fenômenos humanos que se apresentam em saltos ritmados, esmero em construções, vigor em ações guerreiras etc.

Entendemos que legitimar a voz da criança não implica necessariamente apenas em palavras, oralidade e escuta do que elas nos dizem. Isso também é parte do processo, mas conseguimos ver uma imensa quantidade de verdade em uma mão, um dedo, um olhar, uma postura, pois os gestos infantis expressam uma intenção verdadeira, não são jogados ao léu. Perceber, captar e apresentar essa espontaneidade tem sido o nosso desafio primordial e essencial. Mas como estar lado a lado da espontaneidade do outro, com uma câmera na mão, sem quebrar esse espaço livre e autônomo?

O nosso primeiro contato com as crianças se estabelece pela exibição de imagens que registramos anteriormente.

Essas imagens se tornam mensageiras dos nossos olhares e ações e geram uma espécie de eco do brincar repercutido em cantos distantes. Durante as exibições percebe-se uma imediata cumplicidade entre crianças que nunca se viram e, assim, sem dizer ou explicar muito, fica evidente nosso convite para o brincar e o teor dos nossos encontros.



*Os gestos infantis
expressam
uma intenção
verdadeira*



TESSITURA DE VÍNCULOS

A partir desse primeiro contato, o vínculo começa a ser criado em momentos livres de banhos de rio, compartilhando pequenos truques e mágicas, contando causos, histórias e piadas, brincando do que aprendemos em outras regiões. Sem câmera nas mãos, mas de corpo e alma presentes. Passo a passo abre-se uma confiança mútua de que “falamos a mesma língua”; de que queremos compartilhar e trocar o que temos de melhor, de mais vivo e real de nossas experiências. Tanto eles como nós.

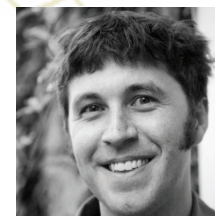
Estabelecemos um componente afetivo entre nós que favorece a liberdade de expressão e que vai, aos poucos, deixando evidente o que cada um é. Isso é o que chamamos de dar voz às crianças, é deixá-las serem quem são. Procuramos deixar claro quem somos como pessoas, muito antes de sermos pesquisadores, educadores, fotógrafos ou cinegrafistas.

Uma vez estabelecida essa cumplicidade e amizade e, ao perceberem o nosso verdadeiro interesse pelo que estão vivendo, aquelas crianças, que se sentem impulsionadas a nos apresentar seus saberes e fazeres, o fazem voluntariamente. Lembrando que estamos lá para registrar algo que vem de dentro de cada um e, assim, mesmo os mais tímidos conseguem ficar confortáveis no seu *fazer brincante*.

A câmera entra sem cerimônia, sem se esconder ou pretender que não existe. Ela vem junto, como um objeto a mais no brincar. Se eles usam martelo para construir seu brinquedo, nós usamos câmeras para construir nossa linguagem



Dar voz às
crianças
é deixá-las
serem quem são



DAVID REEKS E RENATA MEIRELLES

Coordenadores do Projeto Território do Brincar, uma correalização com o Instituto Alana. Entre abril de 2012 e dezembro de 2013, eles visitaram comunidades rurais, indígenas, quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral para revelar o país através dos olhos das crianças. Entre outras realizações, dirigiram o filme Território do Brincar.

do brincar. Mas a câmera não é insistente, não se impõe como protagonista, não invade o momento. Ela entra e sai com liberdade, busca ângulos que não perturbe o fazer, o ser, o estar. O fundamental é reconhecer o estado de espontaneidade nas ações das crianças, para além das atividades ou informações.

O encantamento pelo que está sendo registrado fica evidente e é percebido pelas crianças, e elas retribuem com notório prazer pela valorização que damos às suas ações. O que vemos é tão importante quanto aquilo que sentimos, por aquilo que estamos vendo. Elas gostando de mostrar o que sabem de melhor e nós maravilhados por cada detalhe. Um verdadeiro intercâmbio de sentimentos que alimentam ambas as partes. ■

PROJETO ENCONTROS

O plano era ser professora em um campo de refugiados em Moçambique, mas a portuguesa Margarida Botelho se encantou por outras formas de comunicação com o mundo. Com cerca de 5 mil refugiados de várias partes da África, era impossível compreender todas as línguas e dialetos.

Ela, então, descobriu um método que partiu da entrega de livros em branco e lápis de cor às crianças para que elas contassem suas histórias em diários visuais. Com a ajuda do fotógrafo Luca Locatelli, a arte-educadora registrou a memória, a família, a escola e o brincar desses refugiados.

Margarida revela em sua biografia que as histórias nascem de cada respiração que acontece no mundo. E por isso tem pressa para ouvir esses impulsos. Depois de Moçambique, ela promoveu encontros no Brasil, em Goa e em Timor Leste. Ela conta que faz isso com as mãos no coração porque muitas vezes são as palavras que se transformam em imagens – e vice-versa.

Mais do que construir diários visuais, ela estabelece trocas com a comunidade participando da rotina dos lugares por onde passa. Na Amazônia brasileira, por exemplo, Margarida aprendeu a pescar o pirarucu, a colher o açaí e a fazer tapiocas.

Os resultados dessas experiências são, além de diários feitos pelas crianças, histórias que misturam ficção e colagem de fotos compilados em livros com formatos panorâmicos e que são pequenos documentários da infância.



Conexão entre mundos

Em livros como *Eva – Eva, Yara – Iara e Lya – Lia*, os dois primeiros publicados no Brasil pela editora Paulinas, a autora relata, em cada um deles, o encontro entre duas culturas que, por comparação e reflexão, passam a ter mais pontos em comum do que se imagina. www.margaridabotelho.com



FOTOS LUCA LOCATELLI / PROJETO ENCONTROS

EMEI DONA LEOPOLDINA

Na Escola Municipal de Educação Infantil Dona Leopoldina, as crianças reinam quase que absolutas em decisões pra lá de importantes. Uma sonequinha depois do almoço, por exemplo, foi abolida porque as crianças elegeram o brincar como descanso. Os pais olharam torto no início, mas depois acabaram concordando.

Outras mudanças ocorreram. Subir em árvores, por exemplo, não podia. As crianças só conquistaram esse direito com a troca da diretoria. Marcia Covelo chegou na Emei em 2012 e trouxe em sua bagagem um novo olhar sobre a educação para a primeira infância. Por meio de escutas e participação, passou a promover uma gestão compartilhada, que envolve crianças, pais e educadores.

Para Simone Cavalcante, assistente de direção, a escola deixou de pensar apenas sob o ponto de vista do adulto. “É importante dar abertura para as crianças porque elas apresentam soluções surpreendentes para os problemas da escola”, conta a educadora.

Nessa comunidade escolar democrática, cerca de 240 alunos, com idades entre 4 e 6 anos, exercitam sua cidadania a partir de assembleias. Como é muita gente para decidir, foi criado um Conselho de Crianças, que inclui 16 integrantes. Para cada sala de aula, dois alunos, uma menina e um menino, são eleitos para representarem os demais. A dupla faz a mediação com os colegas para que suas opiniões sejam debatidas em reuniões quinzenais da escola.

Por meio de músicas, desenhos e pinturas, cada criança experimenta sua autonomia em decisões que envolvem conflitos, necessidades, limpeza e até mesmo a questão sobre a distribuição orçamentária. O sucesso foi tão grande que a escola virou referência, o modelo Dona Leopoldina.

Na rede

É possível conhecer um pouco mais da experiência da Emei Dona Leopoldina na página da escola no FaceBook. Lá há vídeos, fotos e textos que compartilham experiências do dia a dia com as crianças.

www.facebook.com/emeidonaleopoldina

